

HUEBENER, P., O'BRIEN, S., PORTER, T., STOCKDALE, L. & ZHOU, Y. (EDS.) (2017). *TIME, GLOBALIZATION AND HUMAN EXPERIENCE*. LONDRES: ROUTLEDGE.

HUEBENER, P., O'BRIEN, S., PORTER, T., STOCKDALE, L. & ZHOU, Y. (EDS.) (2017). *TIME, GLOBALIZATION AND HUMAN EXPERIENCE*. LONDON: ROUTLEDGE.

Emília Araújo

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal

Esta recensão versa sobre o livro *Time, globalization and human experience*, publicado em 2017. Na obra participam autores, cujas trajetórias académicas estão ligadas aos Estudos Culturais, Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia e Estudos dos Média. É um livro de grande atualidade e que contribui para o exercício da política na contemporaneidade. A sua leitura oferece uma análise da globalização, suas implicações e efeitos, a partir do conceito de tempo. Os diversos capítulos revisitam autores como David Harvey e escavam alguns detalhes do tempo no espaço mundial.

A tese principal do livro é a de que a globalização produz tipos singulares de tempo que moldam a forma como países e grupos se relacionam e estabelecem relações de dependência e de poder, condicionando as vidas individuais.

Assim, o livro debruça-se sobre a difícil sincronia entre os tempos dominantes da globalização e os tempos das comunidades e dos indivíduos, concluindo ser imperativa a análise aos processos que concorrem para a construção da globalização. Entre estes, está o desenvolvimento do sistema de tempo mecânico, arbitrário e socialmente construído que se autonomizou e consolidou a partir do século XVII. Os autores desconstruem a existência de um ritmo/tempo mundial sistémico e introduzem a imperatividade de pensar os desajustes temporais entre comunidades e o que estes podem significar, do ponto de vista ideológico sobre a capacidade de as comunidades se poderem manter no tempo histórico (sobreviverem/existirem).

O livro é, nessa perspetiva, bastante atual. Não põe em causa a ideia desenvolvida por Nicklas Luhmann sobre o tempo-mundo (1982), ou seja, a existência de planos de tempo comuns que sugerem aos vários atores (comunidades, países e indivíduos), a experiência da partilha do mesmo tempo histórico e sociológico. Antes, pelo contrário, avança na análise sobre as discrepâncias de tempo cultural e ideologicamente construídas e performativas no modo como provocam “disjunturas” temporais que condicionam e determinam a experiência humana (do tempo).

Destacando a importância do nível político, Huebener, O'Brien, Porter, Stockdale e Zhou afirmam que:

embora as discussões acerca do tempo e da globalização no início do século XXI possam ter enfatizado a ideia de um presente global originado pelas

redes eletrônicas sublinhando as disjunturas e as relações de poder entre esta temporalidade global única e as múltiplas temporalidades locais, as visões complexas e contestadas de temporalidades globais não são de forma alguma uma invenção da era do computador. (p. 3)

A atual situação que atravessa hoje o mundo marcada por sucessivas crises é um revelador (no sentido heurístico e metodológico do termo), da simultaneidade entre a compressão do tempo e do espaço e a sintonia/partilha do mesmo tempo. Trata-se de uma realidade que poder ser perspetivada à escala da relação entre conjuntos de países – como entre a Europa e o resto do mundo; como no interior da Europa. Destaquemos, a este respeito, os trabalhos de LaGro (2007) precisamente sobre a relevância do tempo, no modo de relacionamento entre países do Norte e países do Sul da Europa e os efeitos destas representações na efetivação da política e integração europeias.

Huebener, O'Brien, Porter, Stockdale e Zhou estão empenhados em mostrar o interesse em conceber os meandros e os efeitos da política de tempos. Nesta linha, destaque-se a discussão que elaboram a partir dos trabalhos de Fabian, nomeadamente em *The time and the other* (2012). Nesta obra, o autor critica o modo como, especialmente no mundo ocidental, se tende a dispor os povos e países em escalas temporais diferenciais e de tipo evolucionista (o mesmo nos parece ser plausível considerar para a análise na Europa).

A análise sobre “novas” e “velhas” formas de colonização, inscritas na globalização, é exemplificada por duas vias. Por um lado, buscando mostrar a persistência de classificações evolucionistas das sociedades colocadas umas à frente das outras que ficam para trás e acompanham menos o progresso:

muitas vezes dizem que as sociedades mais pobres “ficaram para trás”, uma metáfora de distanciamento temporal que implica assumir uma falha por parte de alguém em “acompanhar” o progresso da sociedade. (p. 7)

Por outro, analisando a amplificação da aceleração social que, na mesma linha, marca o modo de vida dominante e desejável da sociedade pós-moderna, mas que inscreve um conjunto de atrocidades aos ritmos e temporalidades de outros povos e sociedades.

A aceleração é, em grande parte, irrevogável e, em redor dela, giram os tempos e as temporalidades mundiais. Um dos paradoxos para o qual Huebener, O'Brien, Porter, Stockdale e Zhou chamam a atenção, prende-se com o modo como a aceleração coexiste de forma oportunista, com a valorização de processos e tempos de antecipação e redução dos riscos, no futuro e com o híper investimento no tempo curto, em prejuízo da “saúde e segurança a longo prazo de atores humanos e não humanos que suportam as consequências do rápido desenvolvimento”, descurando “diferentes níveis biológicos e ecológicos” (p. 7).

No capítulo “Accelerated contagion: understanding the relationships among globalization, time, and disease”, os autores (Yanqiu Zhou e William Coleman), demonstram

aquela tese. Num texto de grande relevância para entendermos o papel da política de tempos e da gestão de tempos face a pandemias globais, os autores insistem na necessidade de distinguir claramente, e do ponto de vista da intervenção, o tempo global da disseminação das doenças e de tomada de decisão à escala mundial, daquele que é o tempo de preparação e reação dos diferentes sistemas de tempo nacionais e regionais:

embora a infraestrutura técnica das redes globais tenha proporcionado uma condição promissora para acelerar a vigilância e a partilha de informações a nível global, outras temporalidades – desafios relacionados – como capacidades diferenciais dos países afetados para responder simultaneamente à crise – ainda estão precisam de ser equacionadas. (p. 20)

Esta ideia sobre o modo como a globalização inscreve promessas sobre “futuros comuns”, ao mesmo tempo que fragiliza de modo inescapável a real possibilidade de virem a ser alcançados, é uma constante nos outros capítulos que integram a obra e deixam-nos a refletir sobre algumas das discussões políticas, a propósito da (falta de) “independência” dos estados-nação, face aos tempos globais.

O livro permite conferir substância a todas as ideias expostas, propondo a leitura de vários capítulos aos quais nos referimos anteriormente. Destacamos, para o efeito, a forma como cada um deles aprofunda o olhar sobre o tempo e a temporalidade na globalização, focando um objeto de análise concreto. Robert Hassan analisa, justamente, este último tópico mencionado questionando a soberania nos tempos da globalização e as relações de poder que se servem, entre os Estados, do tempo enquanto instrumento gerador de conexões e de dependências. Wayne Hope debruça-se sobre a exploração do trabalho no tempo da globalização e a produção de temporalidades em dessincronia no mundo global, que se arrisca a perder o tempo da experiência humana. A relevância dos mercados financeiros na produção do tempo na sociedade globalizada é o ponto central da análise proposta por Simon Orpana. Numa análise cínica e irónica à forma como os mercados financeiros e as suas temporalidades esgotadas são transpostas para os ecrãs, o autor apresenta um conselho:

o que é necessário é uma nova solidariedade do trabalho global, bioinclusivo, uma colaboração dos trabalhadores nos registos afetivo e industrial que possam abordar o presente e o futuro de nossa vida coletiva. (p. 84).

Liam Stockdale debate a relação entre tempo, segurança e política, perante a globalização. Comenta a lógica ardilosa da política ganhar aos eleitorados, procedendo ao que designa ser *pre-empting the future* – a busca da segurança, perante a incerteza que se assume como inevitável, embora se saiba que esta se produz dentro e com a colaboração da globalização:

espera-se, portanto, que, além de melhorar os entendimentos académicos da lógica da prevenção na sua capacidade para ser uma racionalidade global influente sobre a segurança, as considerações conceituais desenvolvidas

aqui possam ter como efeito mais prático o de dar uma pausa ao número crescente de decisores políticos que vêem a chave para a segurança global não apenas no esforço de controle sobre o espaço, mas na própria governança do tempo. (p. 104)

“While the west sleeps” [“Enquanto o ocidente dorme”] é o título do capítulo de Kevin Birth. O autor analisa fenómenos de desajuste temporal à escala global. Por exemplo, diz que nos Jogos Olímpicos de Atenas, certas modalidades foram calendarizadas para decorrer durante o período mais quente em Atenas, de modo a captar mais audiência no mundo. Enfatiza, assim, as discrepâncias de tempo e por que razão a globalização não está a produzir temporalidades homogêneas.

Brent Ryan Bellamy analisa as crises da energia. Citando o futuro encapsulado no livro *The collapse of western civilization* (2014), de Naomi Oreskes e Erik M. Conway, o autor desenvolve a tese, segundo a qual os tempos da globalização continuam a caraterizar-se pela frenética exploração de recursos fósseis, um caminho que desencadeia, no contexto dos desequilíbrios temporais que marcam a globalização, ainda mais discrepâncias e escassez de tempo para repensar outras alternativas.

Este é genericamente um livro de exercício de imaginação sociológica tão necessária à capacitação da política atual.

AGRADECIMENTO

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020. O Financiamento Plurianual do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (UIDB/00736/2020) apoiou a tradução deste trabalho.

REFERÊNCIAS

Fabian, J. (2012). *Time and the other: how Anthropology makes its object unknown*. Columbia: Columbia University Press.

LaGro, E. (2007, maio). *The temporality of enlargement: comparing East Central Europe and Turkey*. Comunicação preparada para a Biennial Conference of the European Studies Association (EUSA), Montreal. Retirado de <http://aei.pitt.edu/7944/1/lagro-e-04h.pdf>

Luhmann, N. (1982). *The differentiation of society*. Nova Iorque: Columbia University Press.

Oreskes, N. & Conway, E. (2014). *The collapse of western civilization*. Nova Iorque: Columbia University Press.

NOTA BIOGRÁFICA

Emília Rodrigues Araújo é Professora Auxiliar no Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia e investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Tem participado em diversos projetos de investigação nas temáticas do

tempo, cultura e mobilidades na ciência e na investigação. Participa em várias associações científicas, tendo diversas publicações nacionais e internacionais sobre as temáticas mencionadas.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3600-3310>

Email: emiliararaujo@gmail.com

Morada: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais Universidade do Minho, 4710-057 Gualtar, Braga, Portugal

Submetido: 02/09/2019

Aceite: 30/11/2019